

A UNIÃO PERFEITA ENTRE LÍNGUA E LITERATURA POR MONTEIRO LOBATO EM EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA

Patrícia Scarabotto Nasralla*

RESUMO: O pré – modernista Monteiro Lobato criou uma narrativa extremamente envolvente e interessante na obra “Emília no país da gramática”, a qual proporciona a criação de uma nova metodologia voltada ao ensino de Língua e Literatura. Para isso, analisou-se essa diégese, cujo enredo propiciou parâmetros para a formulação de um novo modelo de aulas de Língua Portuguesa, em que o aprendizado é trabalhado de uma forma lúdica. De acordo com a análise, notou-se que os aprendizes ficaram muito mais interessados no conteúdo e passaram a compreender que, pode se aprender gramática e obter gosto pela leitura brincando e trabalhando a imaginação.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; Literatura; metodologia; lúdico.

INTRODUÇÃO

Através da obra “Emília no país da gramática” de Monteiro Lobato é possível criar uma nova metodologia para o ensino no Brasil. O pré – modernista narra uma envolvente aventura pelo país da Língua portuguesa, a Portugália, onde as personagens descobrem o maravilhoso mundo que se esconde atrás das criticadas regras gramaticais. Essa narrativa de ficção pode ser utilizada como uma ferramenta para modificar a metodologia do ensino de Língua.

Ao se questionar sobre “o que” toda criança gosta de fazer, com certeza, a resposta imediata é: “brincar”; tanto que, a palavra “brinquedo”, inconscientemente, já faz uma associação com o termo “criança”. Por que, então, a maioria dos alunos faz de tudo para escapar do estudo? Para eles, estudar é uma obrigação, ao contrário, de brincar, que é a diversão. Portanto, a

* Patrícia Scarabotto Nasralla é aluna do 3.º ano do curso de Letras da Universidade Paulista – UNIP - Bauru / SP

questão é essa: a criança não quer possuir obrigações, e sim, divertir-se com tudo aquilo que é possível. Logo, conclui-se que, para haver um interesse do aprendiz em relação ao estudo, este precisa ser visto como um brinquedo, cuja a função é atribuir ao seu manipulador algum conhecimento inexistente até o momento; afinal, todo brinquedo transmite ensinamentos.

A maioria das crianças são um tanto avessas a seguir regras; sendo assim, o problema tende a piorar se tratando do aprendizado da Língua Portuguesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Já existe um preconceito de que aprender gramática resume-se em decorar diversas regras que, muitas vezes, não têm sua real utilidade compreendida. Para o aluno, não existe uma verdadeira necessidade de aprender essas normas, pois, em seu ver, ele possui uma imensa capacidade de comunicação sem seguir nenhuma lei; então, para que decorar regras impostas pelos professores nos primeiros anos do Ensino Fundamental? Não costuma ser da feição da maior parte dos estudantes seguir padrões impostos, por isso, então, há uma grande defasagem no ensino, decorrente da ausência de interesse por parte dos discentes.

Se a aprendizagem for conduzida de uma forma que agrade os alunos, não há por que ocorrer essa aversão pelo ensino, deve-se encontrar uma maneira de atrair a atenção dos estudantes e já que todos gostam de brincar e se divertir, por que não utilizar esse argumento como uma ferramenta para mudar a visão do aluno em relação ao ensino? Se os professores demonstrassem aos seus pupilos que é possível brincar com a Língua, a relação ensino – aprendizagem não fluiria melhor?

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Monteiro Lobato foi quem realmente iniciou a Literatura infantil brasileira; com uma obra extremamente diversificada, criou um universo ficcional centralizado em algumas personagens. No Sítio do Picapau amarelo, vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que orientam as crianças Pedrinho e Narizinho e outras criaturas como Visconde de Sabugosa e Emília, além dos animais como Quindim e Rabicó.

No livro *Literatura infantil Teoria e Prática*, Maria Antonieta Antunes Cunha (2003), Lobato escreveu, além de obras marcadamente didáticas, temas folclóricos ou de pura imaginação, com ou sem o aproveitamento de elementos e personagens da Literatura infantil convencional. Uma questão a ser observada nas obras do escritor é o questionamento social aliado a uma inquietação intelectual e grande preocupação com as questões nacionais, tudo isso trabalhado em uma língua marcada pelo dialeto brasileiro.

No caso do desinteresse da criança pelo livro, a autora afirma que isso é apenas um reflexo do próprio desinteresse do adulto por tal objeto. A experiência no assunto tem provado que, no princípio de sua vida, a criança vê o livro como um brinquedo – e não menos interessante do que os outros. Algo de mágico e encantador a envolve a decifrar o desenho das palavras – e é natural da criança adorar desvendar esses mistérios.

A questão da escolha do livro, evidentemente, torna-se um problema, pois a maioria dos adultos – principalmente os pais, nesse caso – tem um temor exagerado de deixar à mão das crianças livros com cenas indesejáveis, como a violência, por exemplo; com isso escolhem apenas as obras infantis que acham compatíveis com a idade do menor. Além do mais, atentam para a questão do vocabulário, escolhendo assim, os que possuem mais fácil compreensão e linguagem mais simples. Entretanto, de acordo com aspectos psicológicos, o educando deve sempre estar em contato não só apenas com aquilo que está compatível a sua compreensão, mas sim manter uma relação com o que vai um tanto além de seu conhecimento para, dessa forma, desenvolver-se da maneira mais adequada, assim afirma Alceu Amoroso Lima (Apud Cunha, 2003).

Na obra de Maria Antonieta Antunes Cunha, o capítulo “Características da obra literária infantil” aborda a questão de quais elementos podem ou não possibilitar o interesse da criança pela obra, e o primeiro aspecto a não ser utilizado é a facilitação, a redução artística, pois, a maioria das pessoas pensam que para tornar a obra mais acessível às crianças, é preciso deturpar a linguagem para aproximá-la dos erros infantis, porém, o artificialismo não passa despercebido aos aprendizes. O autor esquece que a criança pode, normalmente, não usar determinadas construções sintáticas, porém, isso não quer dizer que ela não é capaz de entendê-las. Dessa

forma, o aprendiz vence novos obstáculos e com essa dose progressiva de maior dificuldade ele se sentirá interessado e, inconscientemente, desafiado a encontrar a solução para o empecilho proposto.

No mesmo capítulo, uma questão interessante é o *tom moralizador* utilizado com frequência pelos escritores infantis, é outra faceta da puerilidade trabalhada acima, pois o autor acha a criança incapaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os “arranjos” da trama para levá-los a criar um comportamento; e dá-lhe a aula escrita e acabada. Quanto a esse aspecto, Alceu Amoroso Lima é positivo: “Se ela percebe desde logo que a leitura é apenas uma forma de educação e, portanto, mais um empecilho a sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação”.

Com a palavra, outra vez, Alceu Amoroso Lima (Apud Cunha,2003): “A criança é naturalmente levada a desconfiar dos livros que lhe vêm tolher o melhor do bem: a liberdade. Tudo que, na infância impede o movimento é feito contra a natureza e suportado a contragosto. É mister, portanto, compensar essa inevitável supressão, o que só é possível pela imaginação. Esta compõe, com o repouso do corpo, o mais agitado dos mundos”.

Parecem totalmente do agrado das crianças, sobretudo das menores, as obras otimistas: as que revelam o gosto pela vida, a alegria, o humor. Se essas são as características de qualquer obra, do ponto de vista literário, para o agrado da infância, outras se fazem necessárias, com relação à apresentação do livro.

Edmir Perrotti (Apud Cunha,2003), discursa a respeito do *Aspecto Lúdico* e expõe o quanto uma obra pode tornar-se mais interessante com um pouco de desafios. As mensagens que são veiculadas pela Literatura Infantil devem ser instigantes a ponto de desafiar o leitor, propondo-lhe problemas, cujas soluções dependem de sua habilidade em jogar, de sua capacidade criativa para dar respostas a situações novas. “Dessa forma, a criação desempenha um papel fundamental no processo de renovação do prazer, a criação aponta para novos lances necessários à manutenção da curva ascendente do prazer que se depura nesse processo. A repetição de esquemas – por exemplo, bem x mal, homens bons x homens maus, ordem x desordem -, ao

contrário, diminui a intensidade do prazer, doma-o e, quando muito, pode transforma-lo em vício monótono.”

É incrível também, o dinamismo das obra infantis de Lobato, elas não possuem descrições que podem dispersar a atenção do leitor. O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio de ação da história. Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado não será o desejado pelo autor. É o que lembra Monteiro Lobato: “As narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”.

Marisa Lajolo (1985), afirma poder-se notar que as obras de Lobato possuem características adequadas à Literatura Infantil. Por exemplo, o autor utiliza um vocabulário, muitas vezes, distante do costume infantil, entretanto, disponibiliza subsídios para o pequeno leitor compreendê-lo, dessa forma, desenvolve o vocabulário infantil e não dispersa a atenção da criança.

De fato, não há muitos artigos que abordam a obra “Emília no país da gramática”, entretanto, é fácil notar que, de acordo com pressupostos teóricos, o livro além de ensinar gramática da forma que toda criança gostaria, ainda é uma excelente ferramenta para despertar o interesse do público infantil à Literatura.

ESTUDO APLICADO

A metodologia do trabalho foi desenvolvida em trinta e duas aulas de reforço com crianças de 11 a 14 anos da 5ª série A da E.E. Prof. Eduardo Velho Filho – Bauru / SP. Com base nos pressupostos teóricos expostos anteriormente, foram elaboradas aulas para estimular a leitura e concomitantemente abordar o conteúdo programático da Língua.

Os alunos em questão, em sua maioria, nunca haviam lido uma obra, e o conteúdo era visto subjetivamente por meio de cópias de livros didáticos, portanto, nem sabiam realmente o que estavam aprendendo.

Primeiramente, foram trabalhados os SUBSTANTIVOS, cuja definição todos os alunos disseram “ SUBSTANTIVO é tudo o que dá nome às coisas”, então, o primeiro procedimento foi contar-lhes uma síntese do livro “Emília no país da gramática”, demonstrando assim, que há muitos fatos interessantes envolvendo a fantástica Língua Portuguesa. De início, poucos alunos se interessaram, mas com o passar do tempo, todos foram vendo que realmente existia algo que poderia transformar as aulas de gramática em pura diversão.

Todos tinham no caderno um trecho da obra que abordava o assunto trabalhado, e ainda com ilustrações decorrentes dos acontecimentos do enredo. Como exemplo, quando trabalhavam os ADJETIVOS, deixaram no caderno o seguinte trecho:

No bairro dos ADJETIVOS o aspecto das ruas era muito diferente. Só se viam palavras atreladas. Os meninos admiraram-se da novidade e Quindim explicou:

- Os adjetivos, coitados, não têm pernas; só podem movimentar-se atrelados aos substantivos. Em vez de designarem seres ou coisas, como fazem os Nomes, os Adjetivos designam as qualidades dos Nome, ou alguma diferença que haja neles.

Com isso, os educandos ficavam entusiasmados com a historinha contada e se empenhavam em compreender as aulas; sem contar que, sempre levavam dicionários para procurar as palavras desconhecidas que haviam no livro. O interesse pela Literatura também foi despertado durante o reforço, pois alguns dos aprendizes foram até à biblioteca procurar a coleção “Obras completas de Monteiro Lobato” para conhecer mais histórias do autor.

CONCLUSÃO

A falta de interesse dos alunos é um caso sério no ensino, mas basta conviver um pouco no meio docente para perceber que o cerne do problema não está nos alunos e sim nos professores que se contentam com a metodologia atual, que não traz bons resultados, ao invés de procurar maneiras de melhorar o futuro desses aprendizes.

De acordo com a psicologia infantil, não é à toa a falta de interesse dos discentes pelo ensino, pois a metodologia utilizada está totalmente fora do que é necessário para que esses aprendizes de hoje transformem-se em cidadãos conscientes amanhã.

Há vários meios de despertar nos alunos o interesse pelo ensino, o método trabalhado nesse artigo, foi posto em prática através de uma obra que une Literatura e Gramática de forma que condiz com a realidade dos discentes. A prova concreta do resultado é quando um aluno considerado totalmente desinteressado fica à espera de um professor para tirar dúvidas de um conteúdo que já foi trabalhado, isso prova o verdadeiro interesse, ou seja, o que propicia o real aprendizado.

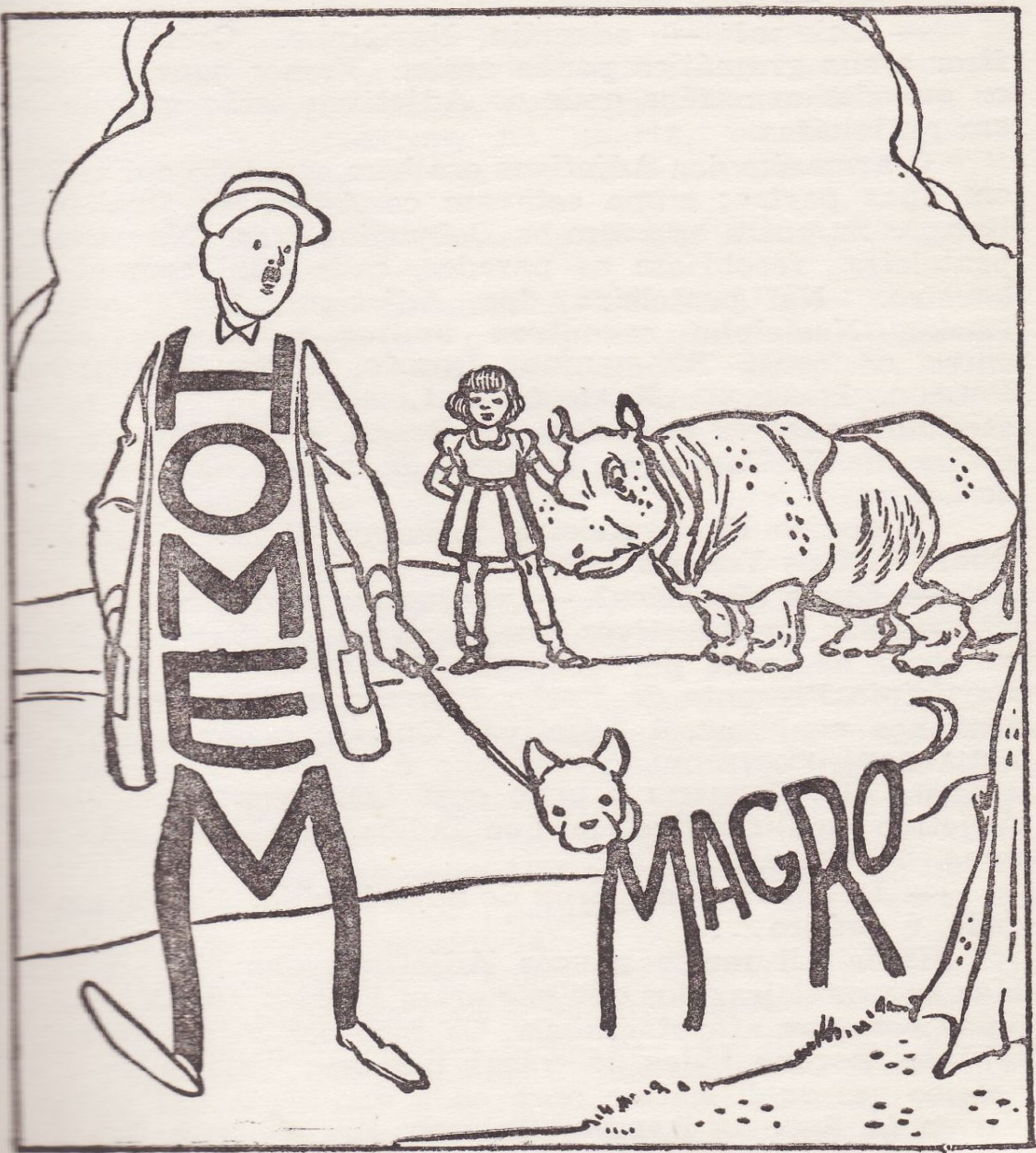
Através dos experimentos feitos, conclui-se que o livro “Emília no país da gramática” é uma obra – prima, que sendo utilizada como ferramenta de estímulo ao ensino, pode trazer resultados surpreendentes, tanto ao professor quanto ao aluno. O método trabalhado é capaz de fazer uma revolução no ensino de Língua e Literatura, pois o aprendizado é requerido através do próprio estudante, ou seja, decorrente do seu interesse.

ANEXOS

1.



2.



*Nesse momento os meninos viram o Nome HOMEM
que saía duma casa puxando um Adjetivo pela coleira.*

1. Emília, Narizinho, Pedrinho e o rinoceronte conversando com o nome José;
2. Narizinho e o rinoceronte entre os adjetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. São Paulo, Brasiliense, 1962.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. São Paulo, Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAM, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo, Ática, 1985.

SANDONI, Luciana. **Minhas memórias de Lobato**. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Na Sala de Aula, caderno de análise literária**. São Paulo, Ática, 1989.